Dia 21 — São Luís Gonzaga, da Companhia de Jesus

São Luís Gonzaga, príncipe da casa de Mântua, tão ilustre pelo desprezo que fez das grandezas do mundo como pela inocência de sua vida, foi filho de Ferrante ou Fernando, marquês de Castiglione, e de Marta de Tana, das melhores famílias de Chieri, no Piemonte. Achou-se esta tão apurada no parto de nosso santo que chegaram a desenganá-la os médicos; mas, apenas ofereceu à Virgem o fruto que tinha em suas entranhas, deu-o à luz com toda a felicidade no dia 9 de março de 1568. Batizaram-no de socorro logo que nasceu e poucos dias depois pôs-se-lhe o nome de Luís por seu padrinho e parente muito próximo Guilherme, duque de Mântua, cabeça da casa de Gonzaga.

Persuadida a piedosa marquesa de Castiglione de que a primeira obrigação de uma mãe é dar a seu filho a melhor educação, logo que viu Luís capaz de recebê-la tomou por sua conta dar-lhe ela mesma a mais piedosa e a mais cristã. Desde logo se conheceu que não necessitava de muitas instruções a bela índole do menino, cujo ar, cujas inclinações e cuja natural propensão à virtude desde então lhe mereceram o renome de anjo.

O marquês, soldado de profissão e de gênio, observando a viveza de seu filho, persuadiu-se de que se inclinava às armas e aos cinco anos de idade o levou consigo a Casale. Mostrava Luís grande gosto nos exercícios militares e nisto lisonjeava muito o de seu pai, mas ao menino lhe havia de custar cara aquela marcial inclinação; porque, tendo carregado ele mesmo uma peça de campanha que estava na muralha e tendo-lhe dado fogo incautamente, faltou pouco para que, ao retroceder o reparo, não lhe tivesse feito em pedaços a violência das rodas. Nem foi este o único perigo que correu. Com o trato dos soldados pegaram-se-lhe algumas palavras demasiadamente livres; mas, apenas foi repreendido por seu aio, olhou-as com o maior horror e, embora as tivesse dito sem entender seu significado, esta foi a maior culpa que cometeu em toda a vida, chorando-a amargamente em toda ela e fazendo rigorosa penitência.

À medida que Luís crescia em idade, ia também crescendo em juízo e em virtude. Entregou-se tão totalmente a Deus desde a idade de sete anos que assegura o cardeal Belarmino que já era perfeita sua vida naquela tenra idade. Tinha já desde então suas devoções regradas, em cujo cumprimento era tão exato que se observou não haver faltado nem uma só vez a elas, ainda no tempo em que por espaço de dezoito meses o debilitaram umas molestas quartãs. Enamorado o marquês do juízo e das grandes prendas de seu filho, não omitiu meio algum de quantos pudessem conduzir a cultivá-las e a dar-lhe uma educação digna de seu nascimento. Levou-o à corte do grão-duque da Toscana, estreito amigo seu; e, embora o ar da corte costume ser tão contagioso, singularmente para a juventude, nada alterou a inocência de nosso Luís. Fez em Florença assombrosos progressos no caminho da perfeição, reduzindo-se todas as suas diversões à oração e ao estudo. Desde então fez propósito de não jogar em sua vida a jogo algum, e jamais o

quebrantou. Cresceu tanto sua fervorosa devoção à santíssima Virgem que aos nove anos fez voto de perpétua castidade. Na observância desta virtude era excessiva sua delicadeza. Nunca permitiu que o vestisse nem o despisse seu camareiro e desde aquela idade impôs-se a lei de não olhar jamais o rosto de mulher alguma.

Da corte de Florença passou à do duque de Mântua, seu próximo parente; e, em vez de deslumbrá-lo aquele novo teatro do esplendor e da grandeza de sua casa, ali foi onde resolveu deixar o mundo. Serviu-lhe de pretexto a falta de saúde para sair da corte e restituir-se à casa de seus pais. Passando por ela São Carlos Borromeu, descobriu e admirou os tesouros de graça e de perfeição que encerrava a alma do santo menino; exortou-o a que quanto antes comungasse pela primeira vez; encarregou-lhe que depois o repetisse com frequência e deu-lhe outros muitos conselhos espirituais que o jovem príncipe teve grande cuidado de pôr em prática.

Não é fácil explicar a terna devoção e os fervorosos afetos com que aquela inocente alma recebeu pela primeira vez a Jesus Cristo; inflamado o semblante e banhados seus olhos em doces lágrimas, davam testemunho do divino fogo que abrasava aquele terno coração. Por toda a sua vida foi a devoção ao Santíssimo Sacramento a mais sobressalente de todas as suas devoções, passando horas inteiras em sua presença ao pé dos altares. Aplicava-se já então ao estudo das letras; mas este não debilitava nem distraía o espírito interior, que tinha cuidado de fomentar com o rigor da penitência. Não parece que podia subir mais o santo ódio que se tinha a si mesmo nem que podia juntar-se maior inocência com maior austeridade.

Jejuava três dias por semana e muitos a pão e água. Suas penitências poderiam acovardar os religiosos mais austeros. Muitas vezes se notava salpicado de seu inocente sangue até o teto de seu quarto; não poucas era sua cama a nua terra; por não ter cilícios aplicava a suas delicadas carnes um cinto cravejado de estrelinhas de esporas; nunca se arrimava ao fogo, nem ainda no maior rigor do inverno, e algumas noites se levantava meio nu, passando assim muitas horas em oração.

Enviaram-no à corte de Filipe II, onde desde logo se fez admirar sua antecipada madureza e sua elevada santidade tanto como em todas as partes. Parece que o Senhor como que se comprazia em ir mostrando-o a várias cortes da Europa, para convencer com seu exemplo que a virtude não é incompatível com condição alguma e que a inocência pode e deve acompanhar-se com todas as idades. Achando-se na Espanha, tomou a resolução de abraçar o estado religioso. Os grandes exemplos de virtude, de observância, de desprendimento do mundo que havia notado nos padres capuchinhos e nos barnabitas durante sua residência em Casale, e aquele espírito de penitência e de recolhimento interior que admirava nos carmelitas descalços, o inclinaram algo a princípio a entrar em alguma destas sagradas religiões; mas por fim resolveu entrar na Companhia de Jesus, por quatro ou cinco razões que ele mesmo declarou. Primeira: porque, sendo mais recente seu instituto, por precisão se havia de conservar em seu primitivo fervor. Segunda: pelo voto que nele se faz de não admitir dignidades eclesiásticas. Terceira: porque nele se ensina à juventude virtude e letras. Quarta: porque os jesuítas se dedicam por seu instituto à conversão dos hereges e dos gentios em todas as partes do mundo. A estas quatro razões acrescentava outra, e era a particular devoção que havia observado que se professava à santíssima Virgem na Companhia; o que confessava não haver contribuído pouco para determinar-se a esta eleição. Juntou-se a tudo isto

que um dia da Assunção desta gloriosa rainha aos céus, depois de haver comungado, lhe pareceu haver percebido clara e distintamente uma voz, articulada pelo formoso simulacro da soberana rainha, que com o título do Bom Conselho se venera no colégio imperial de Madri, intimando-lhe que entrasse na Companhia. Mas a grande dificuldade era conseguir a licença e o consentimento de seus pais. Não houve vocação mais examinada nem melhor provada. Puseram-se em execução para desviar Luís de sua piedosa resolução quantos meios pôde sugerir a reflexão: seu elevado nascimento, a circunstância de primogênito, a ternura de seus pais e as lágrimas de seus vassalos. Levaram-no de propósito pelas cortes dos príncipes da Itália; dispôs-se que lhe falassem pessoas constituídas em dignidade para dissuadi-lo de que se fizesse religioso, mas tudo foi em vão, até que o mesmo marquês, seu pai, depois de uma repulsa demasiadamente seca e desabrida que lhe deu, encontrando-o um dia prostrado aos pés de um crucifixo, com umas cruéis disciplinas na mão, banhado em lágrimas e em sangue, para conseguir de Deus o que os homens se obstinavam em negar-lhe, atônito e enternecido, não menos que temeroso de resistir mais tempo a uma vocação tão declarada, rendeu-se por fim aos santos desejos de seu filho, embora quisesse que antes de pô-los em execução passasse a Milão a terminar alguns negócios da família. Mostrou no manejo deles sua grande capacidade, e faltou pouco para que isto mesmo lhe prejudicasse, servindo de novo embaraço a seus intentos; porque, prendado o marquês da destreza com que havia dado ditoso fim a uns negócios tão graves como espinhosos, não se pôde resolver a deixá-lo partir e assim lhe disse a sua volta de Milão: «Muito te enganaste se creste que eu consentiria em tua determinação; pensarás nisso quando tiveres vinte e cinco anos, e neste suposto podes tomar tuas medidas.» Sobressaltado Luís ao ouvir uma resolução tão inesperada, arrojou-se aos pés do marquês e, com aquela ingenuidade que sempre lhe ganhava os corações de todos, disse-lhe: «Não permita Deus, amado pai e senhor, que eu me aparte jamais de vossa vontade; em tudo e por tudo sereis sempre obedecido. Só vos suplico que tenhais a bem que vos represente que Jesus Cristo me chama a sua companhia; se vós não me permitis entrar nela, certamente vos opondes à vontade de Deus.» Fizeram impressão estas palavras no coração do marquês; lançou-lhe os braços ao pescoço, banhou-o com suas lágrimas e, tendo-o abraçado por um momento sem poder articular palavra, ao cabo rompeu nestas vozes: «Fizeste-me, filho meu, uma ferida em meu coração que manará sangue por muito tempo: eu te amo, e tu o mereces; tinha fundadas em ti todas as esperanças da família; mas, pois estás tão certo de que Deus te chama a sua companhia, já não te detenho; vai, filho meu, aonde te chama o Senhor.» Acabando de dizer estas palavras, retirou-se o marquês desfazendo-se em amargo pranto. Tampouco deixou de enternecer-se um pouco nosso Luís; mas, inundado por outra parte de gozo, prostrou-se diante de um crucifixo e renovou seu sacrifício. Partiu logo a Mântua, onde fez a renúncia do marquesado em favor de seu irmão Rodolfo com licença do imperador e, despedido de seus pais e parentes, encaminhou-se a Loreto. Naquela santa capela correu, por assim dizer, livremente sua devoção e sua ternura à santíssima Virgem, desafogando-se o coração em inflamados afetos e em lágrimas de amor. Ali renovou o voto de castidade depois de haver comungado; e, consagrando-se de novo à Mãe de Deus, partiu para Roma, onde, recebida a bênção do sumo pontífice e tendo visitado os cardeais parentes seus, entrou no noviciado no ano de 1585, não tendo completado os dezoito de sua idade e tendo chegado já a uma elevada perfeição.

Os rápidos e extraordinários progressos que fez naquela escola de virtude assombraram os mais perfeitos. Desde logo se impôs uma inviolável lei de observar com a última exatidão e pontualidade até as mais miúdas regras. Não era fácil nem quase possível que subisse mais a

observância. Nada tiveram que fazer os superiores senão moderar seu fervor e pôr limites aos desejos de fazer grandes penitências. A maior falta que cometeu nos dois anos de noviciado foi haver levantado os olhos e olhado seu irmão, que estava comendo junto a ele na mesma mesa. Ninguém esqueceu mais perfeitamente que ele seu povo e a casa de seus pais. Veio um vassalo seu a empenhá-lo em certo negócio e respondeu-lhe que, como havia dois anos que estava morto ao mundo, já não tinha nele nem crédito nem poder. O santo ódio e desprezo de si mesmo não podia ser maior. Qualquer sinal de distinção que se fizesse com ele era para Luís um verdadeiro desgosto. Jamais se escusou nem se desculpou, embora tivesse mil razões para fazê-lo; e chegou a ter escrúpulo de que sentia demasiada complacência em ser repreendido. Era requintado o gosto que experimentava nos exercícios mais humildes e mais repugnantes; tanto que julgou dever acusar-se do muito que havia contentado seu amor-próprio indo pelas ruas de Roma com um vestido vil e pedindo esmola.

Do mesmo princípio nascia aquele perfeito desapego de todas as coisas e aquele espírito de pobreza que o fez verdadeiro discípulo de Jesus Cristo. Um livro encadernado com alguma curiosidade, um rosário menos comum e duas cadeiras em seu aposento eram alfaias que lastimavam sua delicadeza; nem jamais foi possível fazer-lhe admitir um móvel de pouca consideração que lhe enviou sua mãe, a marquesa, julgando que tinha muita necessidade dele; e custou grande trabalho reduzi-lo a que recebesse duas estampas de papel, uma de Santo Tomás de Aquino e outra de Santa Catarina, pela particular devoção que professava a estes santos. Notava-se sempre nele uma igualdade e uma tranquilidade inalterável; a que singularmente se reconheceu na morte de seu pai, que sucedeu pouco tempo depois que entrou na Companhia. Sabia-se o terno amor que lhe professava, e com tudo isso apenas mostrou outro sentimento que levantar os olhos e as mãos ao céu e dar graças a nosso Senhor de que daí em diante poderia dizer sem estorvo e a boca cheia: «Pai nosso, que estais nos céus.»

Como tinha tão puro o coração, continuamente estava na presença de Deus, sem perdê-lo jamais de vista. Dando conta de sua consciência, disse com ingenuidade que no espaço de seis meses só se havia distraído, a seu parecer, como pelo tempo de uma Ave-Maria. Temendo o superior que as grandes dores de cabeça que padeceu toda a vida fossem efeito de uma intensa aplicação à oração, suspendeu-lhe este exercício por algum tempo, mas foi pior o remédio que a enfermidade. «Não sei que fazer, dizia o santo com graça: mandam-me que não pense em Deus, porque não me faça dano à cabeça, e faz-me muito maior o trabalho que me custa o não pensar.» Quase desde o berço teve um dom de oração muito elevado, sendo Deus seu principal e até seu único mestre. Quando o célebre cardeal Belarmino explicava os exercícios aos irmãos estudantes do colégio, em tocando certos preceitos ou regras de meditação, costumava dizer: «Isto o aprendi de nosso Luís.»

Tinha tão mortificados todos os seus sentidos que parecia haver quase perdido o uso deles. Frequentava muitas vezes alguma peça ou algum sítio e não podia dar sinais dele; só parava a atenção ao que comia para escolher o que era mais ingrato ao paladar; de maneira que a mortificação era sempre o molho de sua comida. Era tão detido no falar que tocava a raia do escrúpulo sua circunspecção; mas nem por isso deixava de ser muito divertida sua conversação, nem lhe faltava um sal muito delicado para temperá-la. Julgando os superiores que diria bem a sua saúde o ar de Nápoles, enviaram-no para lá a acabar os estudos, cuja aplicação em nada esfriou seu fervor. Como era de um engenho pronto, delicado e perspicaz, sobressaiu muito neles; e,

obrigado a defender conclusões públicas ao fim de seus estudos, persuadia-o sua humildade a que de propósito se mostrasse ignorante, e houve mister toda a sua docilidade e rendimento para sujeitar-se nisto a seu diretor e a seu mestre. Mereceu naquela função os aplausos de todo o colégio romano, e não teve pouco que padecer sua modéstia.

Poucos meses depois que voltou a Roma, suscitou-se certa diferença entre seu irmão Rodolfo e o duque de Mântua sobre a sucessão ao senhorio de Solferino, com cuja ocasião se viu obrigado o padre geral a enviá-lo a Castiglione. Recebiam-no em todas as partes como a um anjo vindo do céu, e a marquesa, sua mãe, logo que o viu sentiu-se movida de certa veneração que sem liberdade a fez pôr os joelhos em terra; tanto foi o respeito e tão grande o conceito que formou da santidade de seu filho. Sempre que saía do palácio encontrava-se com uma multidão de gente, formada em duas alas, que o enchia de bênçãos e se desfazia em ternas lágrimas, e, quando se retiravam todos a suas casas, diziam: «Já vimos o santo.»

Não obstante o irritado que estava o duque de Mântua com o marquês de Castiglione e no meio de achar-se os ânimos sobradamente acesos, apenas lhes falou este anjo de paz compuseram-se as diferenças; restituiu-se ao marquês o senhorio de Solferino e ficou mais sólida e estreitamente arraigada que nunca a amizade entre os dois príncipes. Nunca se viu reconciliação mais sincera, e desde logo se qualificou por um dos primeiros milagres de São Luís.

Nem foi este o único que obrou durante sua estada em Mântua e em Castiglione. Foram poucos os senhores das duas cortes que não se moveram e não se reformaram com a conversação do jovem jesuíta. Obrigou-o o reitor do colégio de Mântua a que fizesse uma prática doméstica à comunidade; e ele a fez sobre a caridade com tanto fervor e com tanta moção que todos ficaram muito edificados. Antes de sair de Castiglione pediu a marquesa aos superiores que obrigassem Luís a que pregasse a seus vassalos; fê-lo a um prodigioso concurso e com fruto tão copioso que, ao acabar-se o sermão, se confessaram mais de setecentas pessoas, e consideraram-se como outros tantos milagres as muitas conversões que se seguiram.

Não tendo já que fazer em Castiglione, recebeu ordem de passar a Milão para continuar seus estudos; mas, logo que chegou, achou-se com outra do geral em que se lhe mandava restituir-se a Roma. Obedeceu-lhe com o maior gosto e mais havendo-se-lhe dado a entender na oração, com não sei que certa segurança, que se aproximava o fim de sua vida. Embora toda ela tivesse sido uma contínua preparação para a morte, neste último ano redobrou seu fervor. Fez-se tão terno e tão aceso seu amor a Deus que só com ouvi-lo nomear sensivelmente se alterava e inflamava o semblante. Qualquer rasgo, qualquer expressão afetuosa que se ouvisse na leitura do refeitório bastava para obrigá-lo a interromper a comida, fazendo tal impressão em seu peito que não a podia conter sem que se explicasse em doces lágrimas pelos olhos. Só com ver uma estrela ou uma flor cresciam seus incêndios. Tinha-se grande cuidado nas conversações de evitar certas vozes algo mais afetuosas e expressivas, por escusar-lhe uma alteração que podia prejudicar gravemente sua saúde. Os mesmos efeitos produzia sua terna devoção à santíssima Virgem; e sempre que comungava ficava como extaticamente arrebatado.

Afligida por este tempo toda a Itália com uma enfermidade popular, refugiaram-se em Roma todos os pobres dos arredores, e foi aquela cidade doloroso teatro da mais triste miséria. Distinguiu-se

muito naquela ocasião a caridade dos padres da Companhia; porque, além de sua assistência a todos os hospitais da cidade, erigiu ela um a sua custa, no qual o mesmo padre geral servia os enfermos. Imitaram este exemplo todos os jesuítas do colégio romano e da casa professa; mas se fez distinguir entre todos o fervor de nosso Luís. Não foi possível moderar sua caridade e seu zelo; mas, embora se procurasse contê-lo e livrá-lo, destinando-o a um hospital onde só se recolhiam os enfermos que estavam fora de perigo, quis a divina Providência que a caridade consumisse aquela preciosa vítima. Havia-se levado o contágio a muitos jesuítas e não perdoou a nosso santo. Apenas se sentiu tocado, não pôde dissimular sua alegria, tanto que fez escrúpulo dela e consultou o padre Belarmino se haveria alguma culpa em regozijar-se tanto com a morte ou se nisto se poderia esconder algum artifício do amor-próprio. Como desde logo se descobriu violenta a enfermidade, pediu com instância que se lhe administrassem os sacramentos e recebeu-os com tanta serenidade e com tanta devoção que tirou as lágrimas a todos os circunstantes. Lembrou-se então de que várias vezes lhe haviam dito que na hora da morte havia de ter escrúpulo de suas excessivas penitências e suplicou ao padre reitor que assegurasse a todos que este ponto não lhe dava o mais mínimo cuidado e que só sentia não haver podido conseguir licença dos superiores para fazer muitas mais. Declinou depois sua enfermidade numa febre héctica, que parece só lhe dilatou algo mais de vida para que nos deixasse mais exemplos de virtude e para que com os novos trabalhos acumulasse maiores merecimentos. Ouvindo dizer que as enfermidades epidêmicas que reinavam iam degenerando em peste, pediu licença ao padre geral para fazer voto de assistir os empestados se Deus lhe desse saúde; e, obtida a permissão, fez o voto com novo fervor.

Os cardeais della Rovere e Gonzaga, seus parentes, que o visitavam com frequência, não acertavam a separar-se dele e saíam sempre com o coração penetrado de dor e sensivelmente movido com a devota impressão que faziam em todos suas palavras. Não podendo dissimular o consolo que sentia sua alma de ver-se morrer jesuíta, todas as vezes que o visitava o cardeal Gonzaga lhe repetia as graças pelos bons ofícios que lhe havia feito para aplainar as dificuldades que se opunham a sua vocação. Tinha sempre na mão um crucifixo e uma imagem da santíssima Virgem diante dos olhos. Tendo recebido um expresso da marquesa, sua mãe, escreveu-lhe despedindo-se dela em termos tão ternos e tão fervorosos que se desfaziam em lágrimas quantos leram a carta. Disseram-lhe depois que os médicos só lhe davam oito dias de vida, e foi tanto seu gozo que rogou aos que se achavam em seu aposento que o ajudassem a rezar o *Te Deum* em ação de graças ao Senhor por uma notícia tão alegre. Veio visitá-lo um padre e, logo que o viu, exclamou como transportado: «Marchamos, padre meu, e marchamos com alegria.» Três dias antes de morrer pôs sobre o peito um crucifixo e com semblante risonho repetia sem cessar aquelas palavras do Apóstolo: «Desejo ser desatado e estar com Jesus Cristo.» Embora não se reconhecesse novidade alguma em sua enfermidade, disse positivamente com sua acostumada e natural alegria que aquela noite morreria. Recebeu a bênção apostólica *in articulo mortis*, que lhe enviou Sua Santidade, e quis também que lhe voltassem a administrar os sacramentos; depois dos quais pediu que lhe lessem a recomendação da alma com as últimas orações da Igreja; cuja postrema função enterneceu e moveu tanto os circunstantes que todos se queriam encomendar às do mesmo moribundo. Enfim, na quinta-feira à noite, 21 de junho de 1591, em que naquele ano caiu a oitava do Corpus, entregou docemente seu ditoso espírito nas mãos de seu Criador, aos 23 anos, 3 meses e 11 dias de idade e aos seis de sua entrada na Companhia.

Quando se divulgou por Roma que havia morrido São Luís Gonzaga, excitou esta notícia nos ânimos de todos aquelas impressões de admiração, de devoção e de respeito que de ordinário costuma causar a morte dos justos. Ressoava em todas as partes da cidade esta voz geral: «Morreu o santo.» Concorriam todos a beijar-lhe os pés e as mãos, solicitando alguma relíquia sua. Foi tão grande o concurso a seu enterro e tanto o tropel dos que se abalançavam a beijar-lhe os pés ou a tocar ao menos o féretro que foi preciso interromper muitas vezes o ofício. Enfim, enterrou-se o santo corpo na igreja do colégio romano, dedicada à Anunciação, e desde logo começou Deus a manifestar a santidade de seu servo pelos muitos milagres que obrou a sua intercessão, fazendo célebre e gloriosa sua sepultura. Sete anos depois, com aprovação do sumo pontífice, foi seu santo corpo elevado da terra; e, colocado numa caixa de chumbo, meteu-se na grossura da parede da mesma capela da Virgem. Trinta anos depois, no de 1621, beatificou-o o papa Gregório XV, permitindo aos religiosos da Companhia que rezassem dele no dia 21 de junho, que foi o de sua morte. No de 1699 foram trasladadas com grande solenidade suas preciosas relíquias à magnífica capela da mesma igreja que o marquês Cipião Lancelotti mandou fabricar em honra do santo, e é reputada por uma das mais ricas e mais brilhantes de Roma. Finalmente, no último dia do ano de 1727, o papa Bento XIII o canonizou e o pôs no catálogo dos santos.

O autor da vida de Santa Maria Madalena de Pazzi assegura que no dia 4 de abril do ano 1600, estando a santa num de seus acostumados êxtases, começou a exclamar de repente com uma espécie de entusiasmo: «Oh, que glória é a de Luís, filho de Inácio! Nunca a teria crido se não ma tivesse mostrado o Senhor. Parece-me que não vi no céu glória igual à de Luís; digo que Luís é um grande santo. Temos muitos santos na Igreja que não creio estejam tão elevados. Quisera poder ir por todo o mundo para dizer que Luís, filho de Inácio, é um grande santo; e quisera poder mostrar a glória de que goza, para que fosse glorificado o mesmo Deus; foi elevado a grau tão sublime porque levou uma vida interior. Quem poderia explicar o valor e o preço da vida interior? Não há comparação da interior à exterior. Enquanto Luís viveu cá embaixo, sempre teve fixos os olhos no divino Verbo. Luís foi mártir oculto, porque o que vos conhece, meu Deus, vos conhece tão grande e tão amável que é um verdadeiro martírio ver que não vos ama tanto como deseja amar-vos e que, longe de ser amado das criaturas, sejais ofendido. Foi também mártir porque ele mesmo se atormentou muito. Oh, quanto amou Luís no mundo! Por isso goza agora de Deus no céu com uma plenitude de amor. Quando estava nesta vida mortal continuamente lançava flechas de amor ao coração do Verbo; agora que está no céu voltam estas flechas para o mesmo coração e se mantêm cravadas nele, porque os atos de amor e de caridade que fazia então lhe causam uma extremada alegria.» Ditas estas palavras, emudeceu a santa por um momento, tendo fixos os olhos no céu, e depois exclamou: «Eu quero aplicar-me a ajudar as almas para que, se alguma das que ajudar for ao céu, rogue a Deus por mim, como o faz Luís por todos aqueles que lhe fizeram este benefício.»

Martirológio Romano

Em Roma, Santa Demétria, virgem, que recebeu a coroa do martírio sob Juliano, o Apóstata.

Em Siracusa, na Sicília, a festa dos santos mártires Rufino e Marico.

Na África, os santos mártires Siríaco e Apolinar.

Em Mogúncia, Santo Albano, mártir, que, depois de muitos trabalhos e crus combates pela fé de Jesus Cristo, mereceu a coroa da vida.

No mesmo dia, Santo Eusébio, bispo de Samosata, que no tempo de Constâncio, imperador ariano, visitava as santas igrejas, disfarçado de soldado, para confirmá-las na fé católica. Depois, sob Valente, foi desterrado à Trácia. Mas, voltada a paz à Igreja no tempo de Teodósio, foi chamado do desterro; e, tendo voltado a seu santo costume de visitar as igrejas, entrando um dia numa, de uma telhada na cabeça fê-lo mártir uma mulher ariana.

Em Icônio, na Licaônia, São Terêncio, bispo e mártir.

Em Pavia, Santo Ursicino, bispo e confessor.

Em Tongres, São Martinho, bispo.

Na diocese de Évreux, São Leufroy, abade.

Em Roma, São Luís Gonzaga, jesuíta, recomendável pela inocência de seus costumes e o desprezo de seu principado.

Na Bretanha, São Mars, padroeiro de Bais, diocese de Rennes.

Na diocese de São Malo, São Méen, abade do mosteiro chamado Gaël.

Em Bourges, São Roils, bispo, irmão de Rodolfo, visconde de Turena.

Na Cilícia, São Juliano de Tarso, que, cosido dentro de um couro cheio de víboras e serpentes, foi lançado ao mar. O santo corpo foi levado a Antioquia e depositado na igreja chamada São Juliano, na qual São Crisóstomo pregou uma de suas homilias.

No mesmo dia, o martírio de Santo Afrodísio da Cilícia, sob o governador Dionísio.

Em Wolsen, perto de Haarlem, na Holanda, Santo Englemundo, abade.

Em Roma, o falecimento de São Paulo, papa.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte:

> **Latim:** *Cœlestium donorum distributor, Deus, qui in angelico juvene Aloysio miram vitæ innocentiam pari cum pœnitentia sociasti: ejus meritis et intercessione concede; ut innocentem non secuti, pœnitentem sequamur. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, distribuidor dos dons celestiais, que juntastes no angelical mancebo Luís uma grande inocência de alma com uma maravilhosa mortificação de seu corpo, concedei-nos, por sua intercessão e por seus merecimentos, que imitemos na penitência de nossas culpas aquele a quem não temos imitado na inocência da vida. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do livro da Sabedoria (do Eclesiástico), e a mesma que o dia 12.

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: 8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. 9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. 10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: 11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Nota

«O livro chamado o Eclesiástico, composto em hebraico por Jesus, filho de Sirac, e traduzido em grego por seu neto, escreveu-se, como o diz seu mesmo prólogo, no pontificado de Onias III, pelo ano 180 antes da vinda de Cristo, e traduziu-se no reinado de Ptolomeu Fiscão, rei do Egito, pelo ano de 128 antes da Encarnação do Senhor.»

Reflexões

Bem-aventurado aquele que não correu atrás do ouro nem esperou nos tesouros do dinheiro. Até a felicidade desta vida é herança unicamente dos pobres evangélicos, porque dos ricos que põem sua confiança em seus tesouros nunca se apartam os cuidados, os desassossegos, os temores, os sustos, as inquietações e as zozobras. Que maior prova que a avareza! Ela faz viver e morrer como se se padecesse a maior necessidade. O avarento parece pobre, e efetivamente o é; porque, ou já lhe furte seus bens um ladrão, ou já o prive do uso deles sua insaciável paixão, embora os princípios da pobreza sejam diferentes, os efeitos sempre são os mesmos. Ao avarento não lhe aproveitam mais seus tesouros que ao pobre sua indigência. *Divites eguerunt, et esurierunt* (Sl 33).

Pode-se dizer que o avarento tem o domínio de seus bens sem gozar o usufruto. Que digno de compaixão é o que está tiranizado de tão vergonhosa paixão! Parece que há nisso certa espécie de fascinação ou de encanto. Tão irracional e tão servil é o cego amor que o avarento professa a seu tesouro e o furioso apego de seu coração a ele! É mister que a morte arranque a alma do corpo para que seu coração se desprenda do dinheiro. Que vício tão vergonhoso para um homem que tenha não mais que um pouco de honra! Quanto mais para um cristão, que por sua mesma religião está obrigado a não ter mais apego aos bens da terra que se não os possuísse: *Tanquam non possidentes.* Mas, se ao menos abrisse os olhos um avarento e se fizesse mais racional, considerando o ridículo papel que representa no mundo, não seria sem remédio sua enfermidade; mas enfermos desta espécie poucas esperanças dão de sarar: *Audiebant omnia hæc pharisæi, qui erant avari, et deridebant* (Lc 16). Não há paixão menos dócil; como se cria na obscuridade, envilece o coração e abate o espírito; acostumada a ser objeto do desprezo, lhe importa pouco das risíveis cenas que representam. Todas as coisas concorrem a fazer infeliz um avarento: a abundância irrita mais sua paixão; a carestia o sobressalta; a mediania o altera e o põe de mau humor. De todas estas inquietações livra a pobreza evangélica; ela só arranca todos os espinhos ou lhes embota as pontas para que não piquem, igualando e facilitando o terreno. Equivoca-se muito o que imagina que perturba a tranquilidade, que causa mil inquietações e que põe a virtude em terríveis provas; nunca está a alma mais tranquila, nunca mais contente que quando sente em si este voluntário e universal desapego. Está então Deus como obrigado a prover-nos em todas as nossas necessidades; e, fazendo-se o sacrifício de todos os nossos bens, põem-se como a censo, por assim dizer, sobre o mesmo Deus, ficando hipotecada sua mesma onipotência; de maneira que todos os bens que tem Deus ficam como obrigados aos poucos que nós lhe sacrificamos. Com estas condições, poder-se-á já ter lástima de um pobre de Jesus Cristo?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 22 de São Mateus.

Mateus 22,29-40

> **Latim:** [29] Respondens autem Jesus, ait illis : Erratis nescientes Scripturas, neque virtutem Dei. [30] In resurrectione enim neque nubent, neque nubentur : sed erunt sicut angeli Dei in cælo. [31] De resurrectione autem mortuorum non legistis quod dictum est a Deo dicente vobis : [32] Ego sum Deus Abraham, et Deus Isaac, et Deus Jacob ? Non est Deus mortuorum, sed viventium. [33] Et audientes turbæ, mirabantur in doctrina ejus. [34] Pharisæi autem audientes quod silentium imposuisset sadducæis, convenerunt in unum : [35] et interrogavit eum unus ex eis legis doctor, tentans eum : [36] Magister, quod est mandatum magnum in lege ? [37] Ait illi Jesus : Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et in tota anima tua, et in tota mente tua. [38] Hoc est maximum, et primum mandatum. [39] Secundum autem simile est huic : Diliges proximum tuum, sicut teipsum. [40] In his duobus mandatis universa lex pendet, et prophetæ.

Português: [29] E respondendo Jesus, lhes disse: Errais não sabendo as escrituras, nem o poder de Deos. [30] Porque depois da resurreição, nem as mulheres terão maridos, nem os maridos mulheres: mas serão como os anjos de Deos no ceo. [31] E sobre a resurreição dos mortos, vós não tendes lido o que Deos disse, fallando comvosco: [32] Eu sou o Deos de Abrahão, e o Deos de Isaac, e o Deos de Jacob? Ora Deos não no he de mortos, mas de vivos. [33] E a gente do povo ouvindo isto, estava admirada da sua doutrina. [34] Mas os Fariseos, quando ouvirão que Jesus tinha feito calar a boca aos Sadduceos, se ajuntárão em conselho: [35] e hum d'elles que era doutor da lei, tentando-o, lhe perguntou: [36] Mestre, qual he o grande mandamento da lei? [37] Jesus lhe disse: Amarás ao Senhor teu Deos de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. [38] Este he o maximo, e o primeiro mandamento. [39] E o segundo semelhante a este he: Amarás a teu proximo, como a ti mesmo. [40] D'estes doux mandamentos depende toda a lei, e os profetas.

Meditação

Da inocência

Primeiro ponto

Considera que não há coisa mais preciosa que a inocência: em nenhum tempo a há mais delicada, em nenhum mais frágil; e se pode acrescentar que tampouco a há mais rara em nossos dias. Nada há que se deva conservar com maior cuidado e vigilância e nada a que se apliquem menos precauções para conservá-la. Temos este tesouro em vasos de barro; é uma luz que um leve sopro a apaga; sem ela ficamos em trevas. A inocência é a que dá lustre e valor a todos os demais talentos. A formosura e o mérito da inocência se há de conhecer pelos tristes efeitos e pela fealdade do pecado. Que é o nascimento ilustre? Que são as riquezas? Todas as comodidades do mundo, todas as prendas imagináveis da alma e do corpo nada são sem aquele belo realce: *Nomen habes quod vivas* (dizia o anjo do Apocalipse) *et mortuus es.* Os grandes nomes, os títulos

pomposos, as altas dignidades, os empregos elevados, as classes distintas; considera tudo isto num ataúde ou num homem que já morreu. «Mais vale um cão vivo que um leão morto», diz o Eclesiastes. A alma inocente e pura não é de qualquer maneira grata aos olhos de Deus, mas a quer, a ama, a admite o Senhor a que tenha parte em suas graças e favores; e, como a enobrece a graça santificante, o preço do sangue e dos méritos de Jesus Cristo é verdadeiramente estimável, enriquecendo-a aquele mesmo fundo que cumula de bens e de alegria os bem-aventurados na glória. Se há alguma coisa que nos possa aproximar de alguma maneira daquele ditoso estado, daquela idade de ouro e daquela nobre constituição em que foi criado o primeiro homem, é a inocência; as paixões a respeitam; reina a razão na alma inocente sem tumultos nem facções; domina a fé sem nuvens; triunfa a religião sem combates e até o inferno a venera, porque está olhando nela uma imagem, um retrato de Deus, que só o pecado apaga e desfigura. Esta é aquele formoso cíngulo que aperta os rins; esta aquela lâmpada acesa com a qual se está esperando tranquilamente o Senhor quando voltar das bodas, pronta a alma para abrir-lhe imediatamente que bata à porta, com a qual será sempre bem recebida. Oh bom Deus! Onde há tesouro mais precioso que o da inocência?

Segundo ponto

Considera o pouco que se estima este precioso tesouro, quando se o arrisca tão sem temor e se perde tão sem dor. Considera-se hoje a inocência como uma gala de muito valor? Conserva-se com muito cuidado esta pedra preciosa? E, se alguma vez se perde, fazem-se prontas e requintadas diligências para recobrá-la? Ah, todos convêm, todos assentam que nenhuma corre mais perigo no mundo que a inocência. Mas que se faz para conservá-la? Ou, por melhor dizer, que não se faz para perdê-la? Não se ignora que o mundo está cheio de inimigos da inocência; que nele tudo são escolhos, tudo laços; e no meio disso a tudo se expõe a alma sem defesas nem precauções. Sabe-se que não há coisa mais delicada; confessa-se que o ar do mundo é contagioso; mas que preservativos se aplicam contra o contágio? Expõem-se todos às concorrências mundanas; corre-se aos espetáculos; mas volta-se a casa com a inocência que se levou dela? À vista de objetos a qual mais tentadores; no meio de tantos perigos; entre golpes de vento tão furiosos, nenhuma queda! Nenhum tropeço! Nenhum naufrágio! Ah, Senhor, que cegueira! Que desdita! E depois nos admiraremos de que seja tão rara a inocência! De que seja tão universal a corrupção dos costumes! De que o número dos escolhidos seja tão curto! Imitemos os santos se queremos conservar nossa inocência. Por conservar este tesouro sacrificou São Luís Gonzaga seu principado e seu marquesado com todos os bens que tinha; por não perder esta pedra preciosa enterrou-a, por assim dizer, numa humildade tão profunda. Que austeridade de vida! Este foi o preservativo de que se valeu contra o contágio. Que devoção tão exemplar! Que frequência de sacramentos! Que amor de Deus tão aceso! Que devoção à Virgem tão terna como fervorosa! Estes foram os meios que praticou para conservar aquela inocência que foi como a base da eminente santidade a que ascendeu. A exata pontualidade no cumprimento de todas as suas obrigações; a vigilante observância das mais miúdas regras eram necessárias para viver e para morrer como santo. E seremos nós santos, conservaremos nossa inocência seguindo um caminho tão oposto e procedendo com tão distinta conduta?

Deus meu, que digno de compaixão é o que não conhece sua infelicidade! Mas quanto mais infeliz será o que está olhando com olhos serenos sua mesma perdição! Esta tem sido até aqui minha sorte, divino Salvador meu; dignai-vos de esquecer minhas maldades; perdoai-me meus pecados; restituí-me por vossa misericórdia a preciosa estola da inocência e não permitais que jamais a volte a perder.

Jaculatórias

> *Amplius lava me ab iniquitate mea, et a peccato meo munda me.* Sl 50.

Apagai, Senhor, meus pecados, restituí-me a inocência e purificai-me cada dia mais e mais.

> *Cor mundum crea in me, Deus: et spiritum rectum innova in visceribus meis.* Sl 50.

Criai, Senhor, em mim um novo coração limpo e puro e renovai aquele espírito reto com que caminhava a vós em outro tempo.

Propósitos

1. Não há coisa mais preciosa que a inocência, mas tampouco a há mais frágil nem mais delicada. É um tesouro em vasos de barro, como diz o Apóstolo; uma flor que o ar murcha, um espelho que um vapor embaça. Nunca foi o mundo abrigo da inocência; seu ar é contagioso. Logo desaparece uma pedra preciosa que não está bem guardada. Logo murcha uma flor que não se defende do ar; dura pouco um espelho que anda em mãos de todos. Guarda bem este tesouro; tem grande cuidado de que não to roubem; conserva-o com diligência; tem-no bem encerrado. É dizer: vela continuamente, está sempre alerta contra as surpresas dos sentidos. A inocência só se conserva fugindo das ocasiões, com a oração e com a vigilância. Desenganemo-nos: é presunção, é loucura querer conservar a inocência no meio do contágio e dos perigos. No mundo tudo é tentação, tudo laços; nunca te exponhas a ele sem preservativos; guarda teus sentidos; por estas janelas entra a morte, segundo a expressão do Profeta. Foge, foge da frequente conversação com pessoas de outro sexo. Usa amiúde das orações jaculatórias, porque estas servem de contraveneno no ambiente mal são.

2. De qualquer condição e de qualquer idade que sejas, te é indispensavelmente necessária a mortificação se hás de conservar a inocência. Sem este sal pode-se dizer que se corrompe o coração. Todos os santos praticaram o jejum, e é indispensável a todos os fiéis. A primeira e a mais

necessária mortificação de todas são os jejuns que prescreve a Igreja; nunca te dispenses neles senão com clara necessidade. O jejuar aos sábados em honra da santíssima Virgem é uma devoção muito saudável e muito própria para conservar a inocência. Consulta com teu diretor as mortificações que podes fazer e nenhuma penitência considerável faças sem seu conselho. Não deixes passar dia algum sem alguma mortificação corporal.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:29 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:29 by Admin